

**As águas da migração: deslocamento e tensões identitárias de Alfredo nas obras
de Dalcídio Jurandir**

**The waters of migration: displacement and identity tensions in Alfredo Across
the works of Dalcídio Jurandir**

Edenor das M. G. Castro Júnior¹

Resumo: Este artigo examina os processos de pertencimento, identidade e deslocamento cultural vivenciados pelo personagem Alfredo nos romances *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941) e *Belém do Grão-Pará* (1960), de Dalcídio Jurandir. A investigação parte da premissa de que as migrações do protagonista superam a mudança geográfica, impactando profundamente sua subjetividade e seus laços com os espaços amazônicos. O objetivo principal é discutir como o trânsito entre Cachoeira e a capital gera crises de inserção e tensões identitárias nas múltiplas Amazôniaas construídas pelo autor. Realizou-se uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, fundamentada em estudos teóricos sobre mobilidades culturais, territorialidade e identidade regional. O referencial analítico se divide em três eixos: hibridização e mobilidades transculturais; desenraizamento e crise de pertencimento; e as conexões entre espacialidade, Amazônia e cultura. Conclui-se que Alfredo habita constantemente um entrelugar entre o ambiente ribeirinho e o meio urbano, enfrentando processos contínuos de fragmentação identitária e errância subjetiva no universo literário de Jurandir.

Palavras-chave: Deslocamento cultural; Identidade; Dalcídio Jurandir; Amazônia; Alfredo.

Abstract: This article examines the processes of belonging, identity, and cultural displacement experienced by the character Alfredo in the novels *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941) and *Belém do Grão-Pará* (1960), by Dalcídio Jurandir. The study is based on the premise that the protagonist's migrations extend beyond geographical relocation, profoundly affecting his subjectivity and his ties to Amazonian spaces. Its primary objective is to discuss how Alfredo's movement between Cachoeira and the state capital gives rise to crises of belonging and identity tensions across the multiple Amazons constructed by the author. This qualitative bibliographic study draws upon theoretical approaches to cultural mobility, territoriality, and regional identity. The analytical framework is organized around three main axes: hybridity and transcultural mobility; uprootedness and the crisis of belonging; and the interconnections among spatiality, the Amazon, and culture. The findings indicate that Alfredo continuously inhabits an in-between space between the riverside environment and the urban setting, undergoing ongoing processes of identity fragmentation and subjective wandering throughout Jurandir's literary universe.

Keywords: Cultural displacement; Identity; Dalcídio Jurandir; Amazon; Alfredo.

¹ Especialista em Saberes, Linguagens e Práticas Educativas na Amazônia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Graduando em Letras – Português pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: edenor.ufra@gmail.com.

1 Introdução

A literatura, como expressão estética e fenômeno social, constitui a nascente espaço privilegiada para a compreensão das dinâmicas entre sujeito e território, sobretudo em contextos marcados por atritos históricos, mobilidades culturais e dilemas identitários. Nesse sentido, a produção literária moderna passou a incorporar maior atenção às experiências regionais e às tensões sociais brasileiras. Da mesma forma, na Literatura Amazônica, mais do que cenário, os escritores problematizam vivências atravessadas por deslocamentos, crises de pertencimento e processos de desterritorialização, fazendo emergir uma Amazônia alheia a qualquer homogeneidade.

Sob essa ótica, a produção de Dalcídio Jurandir (1909-1979) ganha centralidade, pois o Ciclo do Extremo Norte (1941-1978) constrói uma representação das realidades amazônicas. Em *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941) e *Belém do Grão-Pará* (1960), Alfredo atravessa deslocamentos entre o território ribeirinho e a capital paraense. Sua trajetória ultrapassa a mudança geográfica, revelando fragmentações subjetivas, experiências de trânsito e crises de pertencimento que emergem das tensões históricas, sociais e culturais presentes nas diferentes espacialidades amazônicas.

Além disso, as obras se localizam na Amazônia do início do século XX, marcada pelas cicatrizes do pós-ciclo da borracha e pelas tentativas de modernização de Belém. Como afirma Benedito Nunes, o percurso de Alfredo se desloca “do rural ao urbano”, revelando uma Amazônia atravessada por desigualdades históricas (Nunes, 2004, p. 15-16). Enquanto Belém buscava sustentar uma imagem de progresso, o interior amazônico permanecia marcado pela precariedade e pelo isolamento, evidenciando tensões entre modernidade e tradição.

As reflexões de João de Jesus Paes Loureiro se tornam fundamentais para compreender a especificidade cultural presente na obra do autor. Segundo Loureiro (1995), a cultura amazônica nasce das relações simbólicas entre sujeito e natureza, especialmente rios e florestas, elementos centrais do imaginário amazônico. Assim, memórias, experiências coletivas e percepções de mundo moldam a forma como o sujeito amazônico interpreta sua realidade, fazendo com que o espaço regional ultrapasse o aspecto geográfico e participe diretamente da construção identitária.

Entretanto, no caso do personagem Alfredo, a relação com os territórios que ocupa se revela conflituosa. Em *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), Belém surge como horizonte idealizado de ascensão e mudança diante das limitações do interior ribeirinho. Contudo, em

Belém do Grão-Pará (1960), a capital se transforma em um lugar de estranhamento, exclusão e fragmentação. Dessa forma, Alfredo passa a ocupar uma posição intermediária, marcada pela não associação tanto ao lugar de origem quanto ao ambiente urbano da capital amazônica.

Nessa perspectiva, as reflexões de Elena Palmero González em *Deslocamentos culturais: identidades e espacialidade* (2010) ajudam a entender que o deslocamento vai muito além do simples ato de se mover pelo ambiente. Ele atravessa a subjetividade, a cultura e a própria identidade do sujeito, produzindo experiências de trânsito, desterritorialização e instabilidade identitária. Assim, o percurso de Alfredo pode ser interpretado não apenas como mudança espacial, mas como uma experiência contínua de deslocamento cultural dentro das próprias espacialidades amazônicas.

Diante disso, a presente pesquisa possui natureza qualitativa, buscando compreender os processos de deslocamento cultural, pertencimento e construção identitária presentes na trajetória do personagem Alfredo em duas obras de Dalcídio Jurandir. O objetivo geral consiste em analisar como os deslocamentos entre os territórios de Cachoeira e Belém produzem tensões identitárias e experiências de desenraizamento dentro das múltiplas Amazônias representadas pelo autor. Como objetivos específicos, pretende-se analisar as duas obras selecionadas, apresentar as noções teóricas relacionadas às mobilidades culturais e observar como essas questões aparecem na constituição subjetiva do personagem.

O corpus da pesquisa é constituído pelos romances *Chove nos Campos de Cachoeira*, (2019) e *Belém do Grão-Pará* (1960). A escolha dessas narrativas ocorre porque acompanham momentos distintos da trajetória de Alfredo, permitindo observar como o personagem experiencia deslocamentos físicos, culturais e subjetivos entre o espaço ribeirinho marajoara e a capital paraense.

Metodologicamente, a pesquisa se fundamenta em uma abordagem bibliográfica, desenvolvida por meio da leitura de livros, artigos científicos e pesquisas voltadas aos estudos literários, culturais e amazônicos. Entre os principais referenciais teóricos estão João de Jesus Paes Loureiro (1995), Elena Palmero González (2010) e Zilá Bernd (2010), além de estudos críticos sobre a obra dalcidiana desenvolvidos por autores como Benedito Nunes (2003; 2004) e Paulo Nunes (2007).

2 O caminhar de Alfredo pelas Amazônias de Dalcídio Jurandir

O modernismo brasileiro, movimento literário de renovação estética, costuma ter a Semana de 1922 como marco central. Contudo, essa efervescência ecoou de forma plural pelo país. Em Belém, a Academia do Peixe Frito articulou uma vanguarda própria para romper com a *Belle Époque* (1871–1914), inaugurando a representação das tensões amazônicas que fundamentam a escrita de Dalcídio Jurandir.

Entre esses grandes autores, destaca-se Dalcídio Jurandir (1909 – 1979), o qual é autor do *Ciclo do Extremo Norte* (1941 – 1978), conjunto de romances que acompanha diferentes espacialidades amazônicas por meio da trajetória do personagem Alfredo. Conforme afirma Benedito Nunes (2004, p. 15-16), o percurso do protagonista atravessa “[...] do rural ao urbano, de Cachoeira [...] à metrópole paraense [...]”. Dessa forma, o ciclo romanesco se estrutura a partir do trânsito entre ambientes distintos da Amazônia.

As obras *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019) e *Belém do Grão-Pará* (1960) assumem centralidade dentro do projeto literário dalcidiano. A primeira obra apresenta Alfredo ainda imerso na paisagem ribeirinha marajoara, enquanto a segunda desloca o personagem para a capital paraense, evidenciando o choque entre diferentes experiências amazônicas.

A narrativa constrói uma Amazônia distante de qualquer homogeneidade, marcada por contrastes sociais, econômicos e culturais. Sobre essa construção narrativa, Benedito Nunes (2004, p. 17) afirma: “As paisagens urbanas e rurais recorrentes [...] se personificam na memória de Alfredo, um dos principais personagens [...] visceralmente próximo do narrador”.

O espaço literário ultrapassa a função de mero cenário para se tornar elemento constitutivo da subjetividade do protagonista. Essa abordagem dialoga com a pesquisa defendida por João de Jesus Paes Loureiro na obra *Cultura amazônica: uma poética do imaginário* (1995), na qual analisa a relação simbólica entre sujeito e espacialidade. Na mesma linha de investigação regional, Paulo Nunes, em *Útero de areia, um estudo do romance Belém do Grão-Pará* (2007), ressalta que a escrita de Dalcídio constitui uma “oportunidade para se conhecer melhor a região Norte do Brasil” (Nunes, 2007, p. 15). O *Ciclo do Extremo Norte* se consolida, assim, como um instrumento que problematiza as experiências locais e desconstrói visões estereotipadas sobre a região.

No romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, Dalcídio Jurandir constrói uma narrativa profundamente vinculada ao território ribeirinho marajoara. A vila de Cachoeira surge marcada pela lentidão, pelo isolamento e pelas dificuldades sociais próprias do contexto pós-ciclo da borracha.

Nesse lugar, Alfredo experimenta um sentimento constante de inadequação, alimentando o desejo de partir para Belém. Logo nas primeiras páginas do romance, a paisagem já revela a atmosfera melancólica da narrativa: “Voltou muito cansado. Os campos o levaram para longe [...] os desejos de Alfredo caíram pelo campo, como borboletas mortas” (Jurandir, 2019, p. 23). A descrição dos campos queimados, da chuva e da vastidão silenciosa evidencia não apenas o espaço físico amazônico, mas também a interioridade do personagem. Alfredo se encontra emocionalmente atravessado pela paisagem, como se o ambiente refletisse suas próprias inquietações.

Acerca dessa relação entre linguagem e espacialidade, Paulo Nunes (2007) afirma que, nos romances marajoaras de Dalcídio Jurandir, “observa-se uma tendência de o autor vestir cenas, personagens e situações na paisagem líquida da Amazônia” (Nunes, 2007, p. 105). Tal aspecto demonstra a presença de uma escrita profundamente marcada pelas águas, pelos rios e pelas experiências ribeirinhas.

Massaud Moisés (2001, p. 190) considera que o Ciclo do Extremo Norte constitui “um romance-rio [...] desenrolada à beira-rio”. Essa definição caracteriza a própria estrutura da narrativa dalcidiana como um fluxo contínuo e caudaloso, mimetizando o curso das águas amazônicas. O movimento do texto acompanha a correnteza fluvial, de modo que a própria condução da trama se desenrola no ritmo das marés e das viagens. Os deslocamentos dos personagens e a progressão dos fatos literários passam a espelhar a dinâmica do rio, consolidando a paisagem marajoara como o fator determinante que dita o andamento e a própria forma da narrativa de Dalcídio Jurandir.

Se em *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019) a narrativa enfatiza o isolamento ribeirinho, em *Belém do Grão-Pará* (1960) a capital paraense surge marcada pelas contradições da modernidade decadente. A cidade apresentada por Dalcídio Jurandir carrega as ruínas deixadas pelo declínio econômico da borracha, revelando desigualdades sociais, exclusão e instabilidade urbana. O romance inicia expondo a decadência da família Alcântara: “Com a queda do velho Lemos, no Pará, os Alcântaras se mudaram da vinte e dois de junho para uma das três casas iguais [...] podiam se dar por felizes naquele ‘ostracismo’” (Jurandir, 1960, p. 2).

A mudança espacial da família simboliza a própria derrocada da elite ligada ao período áureo da borracha. Belém, antes idealizada por Alfredo, passa gradativamente a revelar sinais de ruína e fragmentação social. Ao chegar à capital, Alfredo passa a perceber uma cidade distante do imaginário construído em Cachoeira. O narrador afirma que o personagem “andava de noite feito um sonâmbulo” (Jurandir, 1960, p. 54).

Sobre essa configuração narrativa, Ivone dos Santos Veloso e Alex Santos Moreira afirmam que Belém oscila “entre o encantamento e o desencantamento” (Veloso; Moreira, 2019, p. 25). Tal oscilação reflete diretamente a experiência vivida por Alfredo, que chega à cidade carregando expectativas, mas passa a experimentar não pertencimento e frustração. Da mesma forma, Marlí Tereza Furtado salienta que “os signos da decadência e da ruína estão bem marcados em Belém do Grão-Pará” (Furtado, 2010, p. 90).

Além disso, Paulo Nunes sustenta que a mudança dos Alcântara para a Avenida Gentil Bittencourt configura “a transferência física da família [...] para um entre-lugar” (Nunes, 2007, p. 84). Belém surge simultaneamente como espaço de circulação urbana e exclusão social. Esse “entre-lugar” também simboliza a posição ocupada por Alfredo dentro da narrativa, sendo um sujeito deslocado entre diferentes mundos, incapaz de pertencer integralmente a qualquer deles.

Outro aspecto fundamental da obra se encontra na construção do narrador e na utilização da memória como eixo narrativo. Em *Belém do Grão-Pará*, a narrativa em terceira pessoa frequentemente se aproxima da consciência dos personagens, sobretudo da subjetividade de Alfredo. Segundo Benedito Nunes (2004, p. 19), “a voz do narrador tende a ser neutralizada pela dos personagens”. Em diversos momentos, a narrativa mistura a voz do narrador às percepções de Alfredo, como no trecho: “Teria visto ele, aquela noite, ao pé da esteira de Libânia?” (Jurandir, 1960, p. 54).

A construção narrativa de Dalcídio Jurandir revela uma escrita marcada pela interiorização, pelas lembranças e pelas oscilações subjetivas. Esse movimento é identificado por Benedito Nunes (2004) como a oscilação central do ciclo romanesco dalcidiano: o tensionamento constante entre o registro da realidade social e a imersão na interioridade poética dos sujeitos. Sob essa perspectiva, o tempo narrativo deixa de seguir uma linearidade rígida, movimentando-se entre passado, memória e experiência presente. Em *Belém do Grão-Pará*, os acontecimentos frequentemente retornam às lembranças da antiga prosperidade da cidade durante o ciclo da borracha, fazendo com que a decadência histórica e o fluxo da memória individual se entrecruzem continuamente.

A estrutura memorialista moderna do romance se consolida, conforme aponta Benedito Nunes, na medida em que a narrativa se desenvolve em “lembrança após lembrança, parte após parte” (Nunes, 2004, p. 16). Sob essa perspectiva, a memória deixa de ser um mero recurso de recordação passiva para se tornar o mecanismo fundamental de construção identitária do protagonista. Esse processo de rememoração contínua funciona como um fluxo dinâmico, em

que o ato de lembrar reconstrói as experiências vividas pelo sujeito em diferentes tempos e lugares.

É precisamente essa dinâmica da memória que conecta a interioridade do personagem aos seus trânsitos geográficos, revelando que a experiência migratória constitui o eixo estruturador das narrativas analisadas. Alfredo se movimenta entre espacialidades amazônicas distintas, como o universo ribeirinho da infância e a capital urbanizada da juventude, de modo que cada recordação ativa uma nova crise de pertencimento. Assim, sua trajetória ultrapassa a simples mudança geográfica: o deslocamento físico espelha uma busca interior. Ao articular essas múltiplas Amazôniaas, onde memória, identidade e espaço se entrecruzam, a narrativa transforma o próprio ato de deslocar-se na estrutura que sustenta a subjetividade e a trajetória do protagonista.

3 As águas da territorialidade, do deslocamento e da identidade cultural

A fundamentação teórica acerca das mobilidades no campo literário se pauta na premissa de que a literatura atua como um território de representação das simbologias do trânsito e das rupturas subjetivas do sujeito. Conforme pondera Zilá Bernd (2010), tais mobilidades não se limitam ao plano puramente geográfico, mas envolvem deslocamentos complexos que atravessam a memória, a linguagem e a cultura. Sob essa perspectiva transcultural, a análise proposta pela autora revela que a experiência do sujeito ficcional contemporâneo é marcada por um trânsito simbólico ininterrupto entre múltiplas identidades. Dessa forma, o conceito de mobilidade ganha espessura teórica, passando a definir o ato de se mover entre diferentes ambientes como um mecanismo que reconfigura profundamente a percepção do indivíduo sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o próprio território.

Ao refletir sobre a amplitude dessas transformações, Bernd afirma que “as diferentes formas de mobilidade podem ocorrer: no espaço (viagens, deambulações, deslocamentos, flâneries); no tempo (ocorrências de grandes saltos temporais em obras ficcionais e poéticas); no nível do discurso [...]; no nível da linguagem [...], etc.” (Bernd, 2010, p. 12). Ao categorizar essas variantes, a pesquisadora demonstra que o ambiente literário permite a coexistência de fluxos geográficos e subjetivos, tornando as fronteiras espaciais e temporais permeáveis.

Essa abordagem sobre a maleabilidade das fronteiras e a sobreposição de diferentes planos espaciais ganha contornos específicos ao dialogar com os estudos sobre as particularidades regionais, especialmente no cenário da Amazônia. É sob essa ótica de trânsito

e multiplicidade que Jean Batista da Cunha (2023) destaca que a formação dos povos amazônicos é marcada por profundos processos de hibridização, evidenciando a pluralidade intrínseca da região. O autor sustenta que “a cultura dos povos amazônidas está longe de ser uma cultura homogênea”, uma vez que o contato entre indígenas, colonizadores e os vetores da modernidade intensificaram “a hibridização cultural na região” (Cunha, 2023, p. 38). Diante disso, constata-se que a própria configuração sociocultural da Amazônia se constitui a partir de interações descontínuas e tensões históricas, operando como um território ideal para a manifestação das mobilidades e das crises identitárias na literatura.

A compreensão dessas transformações se amplia ao observar que “as mutações culturais se produzem de fato sob o impacto conjunto dos fluxos migratórios, das reestruturações políticas, dos novos meios de comunicação e das novas tecnologias” (Bernd, 2010, p. 14). Com isso, as identidades deixam de ser vistas como blocos fixos e estáveis, assumindo um caráter híbrido e multifacetado. A experiência da mobilidade acaba por moldar sujeitos que habitam o trânsito entre diferentes universos culturais, sem se prenderem a um senso rígido de comunidade, transformando essa condição de errância em uma das marcas centrais da contemporaneidade.

Ao mergulhar na questão das mobilidades transculturais, Elena Palmero González (2010) propõe uma leitura dos deslocamentos que vai muito além da geografia, atingindo, de forma visceral, a subjetividade. O movimento gera fissuras nos vínculos identitários, o que obriga, segundo a autora, o indivíduo a repensar seu próprio sentido de pertencimento em meio a espacialidades culturais fragmentadas. Ao investigar essa dinâmica, González sustenta que “o deslocamento não implica apenas mudança de lugar, mas uma transformação da percepção de si e do mundo, produzindo novas formas de relação entre identidade, memória e território” (González, 2010, p. 118).

Isso posto, o que se percebe é que o deslocamento ganha o contorno de uma vivência profundamente subjetiva, na qual o sujeito é lançado em processos constantes de desorientação e estranhamento, o qual leva ao trânsito entre diferentes territórios produz fraturas na percepção do pertencimento e coloca o indivíduo em condição permanente de instabilidade.

Segundo Elena Palmero González, “as experiências de deslocamento colocam o sujeito em zonas de fronteira, onde as identidades deixam de ser estáveis para assumir formas híbridas e mutáveis” (González, 2010, p. 121). Nota-se, a partir daí, que a fronteira deixa de ser apenas uma demarcação nos mapas para se tornar um território subjetivo, onde o desejo de pertencer colide com a sensação de estranhamento. O indivíduo em trânsito vive, na verdade, um esforço

constante de mediação, equilibrando o que resta de sua memória de origem com as pressões de uma nova realidade territorial. É desse atrito que emerge a mobilidade como uma crise profunda de identidade.

Nesse contexto, Agnis da Silva Corrêa (2025) demonstra que a expansão urbana de Belém esteve associada aos deslocamentos populacionais e às ocupações periféricas provocadas pelas desigualdades sociais. Segundo a autora, “muitos habitantes removidos das baixadas e vindos do interior ocuparam áreas fora da primeira légua patrimonial” (Corrêa, 2025, p. 13), evidenciando tensões entre pertencimento e exclusão na mobilidade urbana da Amazônia.

Como bem pontua Bernd, “o movimento pode ser, assim, a chance de uma nova definição do homem ‘que não se reconhece mais no território que ocupa, mas no espaço-tempo que libera pela palavra e pelas imagens’” (Bernd, 2010, p. 16). O que se extrai desse pensamento é que a individualidade do sujeito contemporâneo deixa de ser um reflexo estático do solo que ele pisa para se tornar uma construção fluida, alimentada pelas simbologias que o movimento espacial produz. Assim, o sentimento de pertencer se desvincula da rigidez do mapa geográfico, passando a se consolidar nas tramas culturais e nos processos subjetivos que emergem durante o próprio trânsito.

Essa condição se projeta com vigor nos estudos sobre o romance memorialista moderno, nos quais a trajetória dos protagonistas é frequentemente marcada pela tensão da experiência migratória. Ao discutir as bases desse fenômeno, Bernd esclarece que “a própria etimologia da palavra já aponta para essa duplicidade de sentido: ‘errar’ do latim *iterare*, viajar, vaguear, mas também ‘errar’ do latim *errare*, incorrer em erro, em engano” (Bernd, 2010, p. 20).

No horizonte da crítica literária, essa dualidade conceitual subsidia a compreensão de narrativas fundadas no trânsito regional, uma vez que o deslocamento pode assumir tanto uma dimensão positiva quanto traumática. Ao mesmo tempo em que possibilita novos encontros culturais, o ato de migrar também provoca rupturas afetivas, perdas identitárias e crises de pertencimento. Dessa forma, a errância e a migrância definem o estatuto do sujeito ficcional deslocado, o qual passa a viver em constante e complexa negociação entre a sua cultura de origem e o seu destino.

Ao compreender que os processos de territorialização e desterritorialização estão ligados às relações de pertencimento construídas pelos sujeitos com os lugares que ocupam, Chaves Moura (2023) diz que, “territorialização é o processo pelo qual as pessoas criam laços de pertença e identidade com um determinado espaço” (Moura, 2023, p. 16). Em contrapartida,

a desterritorialização produz “perda de identidade e laços sociais” (Moura, 2023, p. 16), evidenciando tensões entre enraizamento e exclusão.

Para Bernd, “o conceito evoca tanto espaços geográficos e históricos quanto psicológicos ou mentais, chamando atenção para o momento da passagem de um para outro “espaço” e a transformação que essa passagem acarreta” (Bernd, 2010, p. 19). Dessa maneira, os deslocamentos culturais produzem mudanças profundas nas formas de percepção do sujeito. A passagem entre diferentes ambientes modifica relações afetivas, memórias e individualidade, fazendo com que o pertencimento deixe de ser estável e passe a se constituir como experiência fragmentada e móvel.

Essa transição do geográfico para o plano psicológico e mental ganha contornos específicos quando deslocada para a realidade da Amazônia, universo em que o território desempenha papel fundador na subjetividade. É nesse ponto que as formulações de Bernd (2010) convergem para as reflexões de João de Jesus Paes Loureiro (1995), o qual demonstra como o ambiente amazônico molda, de forma direta, a identidade de quem o habita. Para Loureiro (1995), a cultura da região brota das trocas simbólicas entre o homem e a natureza, de modo que o território transcende a dimensão física e se entranha na própria construção simbólica do sujeito.

Conforme sustenta o autor, “a cultura amazônica é construída a partir das relações do homem com a natureza, numa interação simbólica em que rios, florestas e imaginário coletivo participam da formação cultural do sujeito amazônico” (Loureiro, 1995, p. 35). Por isso, investigar as subjetividades amazônicas exige aceitar que o território regional é parte ativa da subjetividade individual. As vivências culturais locais são, portanto, atravessadas por memórias e imaginários muito específicos de relação com o solo e as águas. Nesse cenário, qualquer deslocamento, por menor que seja, repercute inevitavelmente na individualidade de quem se move.

Nesse contexto, Jakson Silva da Silva (2022) destaca que, apesar dos processos de urbanização e modernização de Belém, a cidade mantém fortes heranças indígenas, negras e ribeirinhas presentes nos espaços de vida popular. Segundo o autor, “a urbanização modernizadora, entretanto, não apagou seus traços indígenas e negros em lugares de vida e economia popular, tradição e pertencimento” (Silva, 2022, p. 106). Dessa forma, a capital amazônica revela tensões entre modernidade e tradição, evidenciando múltiplas formas de pertencimento cultural.

Paes Loureiro (1995), ao refletir sobre a cultura amazônica, diz que a experiência amazônica é atravessada simultaneamente por permanências culturais e transformações históricas relacionadas à modernização regional. Desse modo, os deslocamentos dentro da própria Amazônia revelam tensões culturais que atravessam a experiência do sujeito amazônico contemporâneo. O trânsito entre diferentes espacialidades produz crises identitárias, fragmentações subjetivas e dificuldades de pertencimento, sobretudo quando o indivíduo passa a ocupar lugares intermediários entre tradição e modernidade.

Portanto, as reflexões de Zilá Bernd (2010), Elena Palmero González (2010) e João de Jesus Paes Loureiro (1995) permitem compreender que os deslocamentos ultrapassam a dimensão geográfica e atingem diretamente a cultura e as formas de pertencer. As mobilidades transculturais produzem sujeitos marcados pela instabilidade identitária, pela errância e pela constante negociação entre diferentes territórios simbólicos. Nesse sentido, tais perspectivas teóricas se tornam fundamentais para analisar os deslocamentos vivenciados pelo personagem Alfredo.

4 As águas da migração em Alfredo

Em *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019), a construção da subjetividade de Alfredo manifesta-se de modo indissociável da representação espacial marajoara, configurando um sentimento contínuo de inadequação e estagnação diante do ambiente ribeirinho. Longe de ser um mero plano de fundo, o espaço de Cachoeira se projeta como o elemento limitador que inviabiliza as transformações pessoais acalentadas pelo protagonista. Logo no início da narrativa, o narrador estabelece esse estado de letargia ao pontuar que:

A tarde sem chuva em Cachoeira lhe dá um desejo de se embrulhar na rede e ficar sossegado como quem está feliz por esperar a morte. Os campos não voltaram com ele, nem as nuvens nem os passarinhos e os desejos de Alfredo caíram pelo campo como borboletas mortais (Jurandir, 2019, p. 23).

A força plástica dessa imagem literária aproxima diretamente a interioridade do personagem da esterilidade da paisagem amazônica. A figura de linguagem em “borboletas mortais” atua aqui como a materialização poética do definhamento das expectativas do protagonista; em vez de sugerirem a metamorfose ou a vivacidade comumente associada ao inseto, as asas caídas e inertes simbolizam a falência prematura de seus anseios diante da imobilidade da província. Essa correspondência entre o íntimo e o geográfico reverbera ao

longo da obra; os campos, que em descrições posteriores do romance surgem calcinados e desolados pelo sol inclemente da entressafra, refletem também o esgotamento emocional de Alfredo, que passa a enxergar o próprio lugar de origem como um território incapaz de comportar seus desejos.

Esse descompasso vivenciado no enredo expõe as fraturas de uma identidade amazônica clivada e heterogênea, moldada no interior de tensões culturais múltiplas que opõem o ritmo tradicional da vida interiorana às promessas de progresso da modernidade. Dalcídio constrói a subjetividade do herói no cruzamento tenso entre as vivências comunitárias locais e o horizonte de expectativas urbanas ligado a Belém. Essa clivagem dialoga de maneira produtiva com as discussões de Jean Batista da Cunha (2023), quando o autor afirma que “a cultura dos povos amazônidas está longe de ser uma cultura homogênea”, pois os contatos históricos entre povos indígenas, colonizadores e processos de modernização intensificaram “a hibridização cultural na região” (Cunha, 2023, p. 38). No romance, a hibridização apontada pelo crítico não se traduz em conciliação, mas em um doloroso trânsito cultural: ao retornar à vila, enquanto a capital habita seu discurso como um ideal de emancipação, a materialidade de Cachoeira o vincula a uma realidade que ele rejeita, mas que constitui sua própria origem.

O desajuste do protagonista perante o meio familiar e comunitário aprofunda sua posição intermediária dentro do universo dalcidiano, transformando-o em um estrangeiro em sua própria terra. O descompasso prático entre suas aspirações intelectuais, alimentadas por leituras solitárias, e o cotidiano prático da vila condensa as incertezas de quem sabota os laços locais sem conseguir, todavia, ancorar-se no universo pretendido. Esse dilaceramento subjetivo encontra respaldo nas análises de Noronha e Pimentel (2024), os quais afirmam que “a miscigenação ocorrida com o menino lhe causa várias incertezas, porque ele se sentia entre dois mundos” (Noronha; Pimentel, 2024, p. 155). Alfredo, portanto, não consegue se sentir pertencente integralmente ao espaço tradicional de Cachoeira, carregando o estigma de desajustado em relação ao progresso urbano, o que faz com que sua identidade se constitua exatamente nesse entre-lugar, marcado por ambiguidades culturais e instabilidade subjetiva (Nunes, 2007).

Essa condição de suspensão intensifica-se drasticamente em *Belém do Grão-Pará* (1960), momento em que o território urbano desmistifica o ideal de ascensão antes projetado pelo jovem para revelar sinais de decadência social, desigualdade e exclusão. O deslumbramento inicial cede lugar a um profundo estranhamento físico e psicológico diante da capital paraense. Em determinado trecho, o narrador afirma que:

Como tudo no Brasil, não se levava a sério o ensino no Barão do Rio Branco. Por isso é que vinha o Alfredo ostentando aquele Quadro de Honor. Alfredo andava de noite feito um sonâmbulo. Tinha encontros com as corujas. Sabia lá que cavilações trouxe de Marajó? (Jurandir, 1960, p. 54).

A caracterização de Alfredo como um “sonâmbulo” que tem “encontros com as corujas” evidencia, pela linguagem ficcional, a construção de um sujeito incapaz de se reconhecer no ambiente que atravessa. A perda de referências espaciais e afetivas ganha contornos de violência física e choque cultural no episódio em que o protagonista, recém-chegado à capital, sofre a humilhação de ter o cabelo raspado no denominado “Salão Elegante” (Jurandir, 1960 p. 20):

Mas estremece, como se o barbeiro, com aquela máquina, o tivesse cortado lá dentro do coração. Quis saltar da cadeira, fugir. O carrasco nem bem lhe aplicou a máquina a fundo, já lhe devorava montes de cabelo e logo com feroz velocidade outra tanto lhe comi [...] O barbeiro governava-lhe a cabeça, colocava ela em todas as direções, como se o tivesse degolado. Roendo o coco, a máquina lhe rola também o orgulho e aquele deslumbramento pela cidade.

Ao qualificar o barbeiro como um “carrasco” cuja máquina “devora” o cabelo e opera uma decapitação simbólica (como se o tivesse degolado), a prosa dalcidiana projeta no corpo do próprio herói a agressividade repressora da cidade. O corte do cabelo deixa de ser um evento corriqueiro para se tornar um rito impositivo de despersonalização, em que a máquina “rola também o orgulho” e extirpa as ilusões alimentadas na província. Essa transição violenta, que transforma a visão da cidade de um lugar encantado para um ambiente hostil, confere densidade literária às formulações de Elena Palmero González (2010), quando a autora afirma que “o deslocamento não implica apenas mudança de lugar, mas uma transformação da percepção de si e do mundo, produzindo novas formas de relação entre identidade, memória e território” (González, 2010, p. 118). A violência institucional sofrida no Salão Elegante força Alfredo a uma agressiva reelaboração de si, mostrando que a travessia geográfica fratura sua subjetividade e reorganiza sua individualidade cultural a partir da perda e do desterro íntimo.

A própria geografia da narrativa, que faz Alfredo se movimentar entre rios, ruas, baixadas e espaços periféricos, reforça a hibridez dessa experiência ao fazê-lo ocupar territórios divididos entre tradições amazônicas e processos de modernização urbana. A identidade do personagem emerge, assim, desse contato conflituoso entre diferentes Amazônia, validando empiricamente o que apontam os estudos de Jackson Sousa dos Santos, Débora Frazão Ferreira e Márcia Aparecida da Silva Pimentel (2025), quando os autores afirmam que “a identidade

não se constrói sem o vínculo com os lugares atravessados” (Santos; Ferreira; Pimentel, 2025, p. 13).

Nota-se que Dalcídio Jurandir constrói Alfredo como um sujeito atravessado por experiências contínuas de trânsito cultural. O personagem vive entre espacialidades distintas, memórias fragmentadas e referências culturais múltiplas, sem alcançar estabilidade identitária. Sua trajetória evidencia que a experiência migratória na Amazônia produz processos profundos de reorganização subjetiva. Dessa forma, as experiências vividas por Alfredo revelam diretamente as mobilidades transculturais e a hibridização cultural presentes nas narrativas dalcidianas.

A minuciosidade na descrição do ambiente se revela, por conseguinte, como um eixo estruturante das crises subjetivas e dos processos de fuga que acometem as personagens dalcidianas. O mal-estar geográfico experimentado por Alfredo desde as primeiras páginas de *Chove nos Campos de Cachoeira* funciona como o motor de sua desterritorialização, conferindo centralidade analítica ao romance antes da aplicação de modelos teóricos. Essa dinâmica romanesca antecipa e dá corpo ao que propõem Demétrius Souza Araújo e Simone Cristina Mendonça (2022, p. 76) ao afirmarem que “Descrever meticulosamente o espaço é fundamental no fazer literário de Dalcídio, isso para que compreendamos os processos de fuga de seus personagens, para que seja possível perceber o trânsito, a desterritorialização constante e a reterritorialização precária na Amazônia”.

Essa relação conflituosa se materializa na própria tessitura dramática do romance quando o personagem observa a vila marajoara marcada por imobilidade e melancolia. A rejeição ao lugar provinciano se converte em sofrimento físico e apelo desesperado, evidenciando que o confinamento geográfico sufoca o jovem protagonista. Em determinado momento da narrativa, ele chora e suplica para a mãe:

Misturado com o escuro da porta do corredor vem a sua “viagem” para Belém. Sua mãe lhe dera uma esperança mais forte. Mas cadê os uniformes, o sapato, a roupa de ir? Enquanto não tivesse isso tudo não se conformava que estivesse tão próximo assim de viajar. Quantas vezes, já com o frio da febre ou ainda com a febre, não ia chorando se queixar, bater os pés na cozinha onde sua mãe lava as xícaras do café ou mexe a panela: — Mamãe, me mande para Belém. Eu morro aqui, mamãe. Cresço aqui e não estudo. Quero estudar, quero sair daqui! (Jurandir, 2019, p. 231).

A percepção construída pelo personagem evidencia que o ambiente ribeirinho deixa de representar acolhimento identitário e passa a assumir uma dimensão opressiva. Alfredo enxerga a vila como um território incapaz de corresponder aos seus desejos de transformação pessoal. Seu imaginário passa então a projetar Belém como possibilidade de ruptura com aquela

realidade considerada limitada. O que se desenha nesse apelo não é apenas o anseio por uma mudança de coordenadas geográficas, mas uma ruptura subjetiva definitiva entre o personagem e o território. Embora Alfredo continue habitando fisicamente em Cachoeira, ele opera um desligamento emocional daquele espaço, antecipando uma fragmentação dos vínculos afetivos que encontra paralelo conceitual nas reflexões de Pracidina Chaves Moura (2023). Segundo a autora, a desterritorialização ocorre através da perda das conexões construídas entre sujeito e lugar, processo capaz de produzir “perda de identidade e laços sociais” (Moura, 2023, p. 16).

Dalcídio articula essa fratura interior tensionando diretamente a paisagem e a engrenagem psicológica do personagem. Para suportar o aprisionamento na vila, Alfredo recorre à imaginação lúdica e ao devaneio como táticas de fuga, subvertendo a própria rigidez do meio em que está inserido. Em determinado trecho, percebe-se que Alfredo utiliza a imaginação como forma de fuga daquela dimensão espacial em que se encontra,

pois a bolinha fazia os holandeses ficarem por baixo dos engenheiros brasileiros. Cachoeira seria uma obra-prima da engenharia brasileira. A bolinha o levava do insondável e imenso mundo dos meninos para onde quisesse levar (Jurandir, 2019, p. 178).

A paisagem amazônica, portanto, deixa de funcionar como lugar de pertencimento simbólico e passa a reforçar a sensação de isolamento do personagem. O ambiente natural, marcado pelos campos, pelas chuvas e pela vastidão silenciosa, intensifica continuamente o desejo de deslocamento vivido por Alfredo.

A transferência para o ambiente urbano, contudo, desfaz a ilusão da fuga libertadora, pois em *Belém do Grão-Pará* Alfredo depara-se com uma nova modalidade de asfixia, marcada por desigualdades sociais e decadência urbana. A capital antes idealizada desmorona em impressões turvas e desorientadoras, impedindo o protagonista de fincar raízes ou encontrar estabilidade identitária. Em determinado momento da narrativa, o narrador fala que:

Suas impressões não podiam ser nítidas. A cidade vagava num nevoeiro morno, com as suas fachadas fugidias, trilhos faiscando, as torres da Basílica entre as sumaumeiras, estas desfiando lenta sombra na calçada, nos telhados. Seu olhar, memória e imaginação em nada se fixavam. A cidade ondulava sempre. E ao chegar à casa dos Alcântaras, nada mais queria senão dormir. Belém era uma embriagues (Jurandir, 1960, p. 22).

A construção da cena evidencia um personagem emocionalmente esmagado pela dimensão urbana da capital paraense. O espaço urbano não produz acolhimento, mas amplia ainda mais sua sensação de desenraizamento, fazendo com que o olhar e a imaginação do jovem “em nada se fixavam”. Alfredo vive uma condição errante. Seu deslocamento não resulta em

Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 29, jan-jun, p. 82-108, 2026 - 1ª edição

integração plena, mas em um trânsito contínuo entre lugares onde o pertencimento permanece incompleto. O personagem se movimenta entre diferentes Amazônia's sem conseguir reconhecer nenhuma delas como território definitivo.

Essa itinerância identitária indica que a travessia de Alfredo constitui, em última análise, uma experiência existencial rica em problematizações estéticas sobre a região. O percurso do protagonista funciona como uma lente crítica, validando o argumento dos estudos recentes de Jackson Sousa dos Santos, Débora Frazão Ferreira e Márcia Aparecida da Silva Pimentel (2025), quando os autores afirmam que “ao acompanhar Alfredo, compreendemos que sua travessia não se limita ao deslocamento, mas abarca uma leitura sensível do mundo” (Santos; Ferreira; Pimentel, 2025, p. 12). Cada ambiente percorrido produz alterações em sua forma de perceber a si mesmo e ao território amazônico.

A própria Belém construída por Dalcídio intensifica essa fragmentação identitária. Como foi discutido, o personagem atravessa territórios urbanos decadentes sempre em condição provisória. Alfredo não encontra estabilidade nem no ambiente ribeirinho nem na capital urbanizada. Sua subjetividade permanece constantemente deslocada entre memória, desejo e frustração. Nesse sentido, a experiência urbana não rompe completamente com Cachoeira, mas mantém o personagem preso a uma condição contínua de trânsito subjetivo.

Percebe-se que Dalcídio Jurandir constrói Alfredo como um sujeito atravessado permanentemente pela instabilidade territorial. Sua trajetória evidencia vínculos frágeis com os espaços que ocupa, revelando processos contínuos de desenraizamento e reconstrução identitária. Alfredo se movimenta entre diferentes espacialidades amazônicas sem alcançar pertencimento definitivo, experienciando continuamente deslocamentos físicos e subjetivos. Dessa forma, o percurso do personagem evidencia diretamente os processos de deslocamento, territorialização e crise de pertencimento nas espacialidades amazônicas construídas por Dalcídio Jurandir.

Como terceira análise, observa-se a relação entre Amazônia e identidade na trajetória de Alfredo. Na poética dalcidiana, a natureza e a urbe não operam como meros cenários inertes, mas atuam como forças vivas que moldam, fraturam e reconfiguram a subjetividade dos sujeitos que as habitam. Rios, campos, chuvas, ruas e embarcações participam constantemente da formação identitária de Alfredo, fazendo com que sua experiência existencial esteja profundamente vinculada às espacialidades amazônicas que atravessa. Essa simbiose estética e dolorosa entre o homem e o meio antecipa e ilustra de forma magistral as formulações de João de Jesus Paes Loureiro (1995), ao afirmar que a cultura amazônica é uma “produção humana

que vem incorporando [...] motivações simbólicas que resultam em criações que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e com a natureza” (Loureiro, 1995, p. 70). Em Dalcídio, portanto, a espacialidade é o próprio motor que dilacera e humaniza a caminhada do protagonista.

Essa relação aparece ainda em *Chove nos Campos de Cachoeira*, quando Alfredo observa o ambiente ao seu redor marcado por melancolia e abandono, fraturando a própria célula familiar ao projetá-la como um ambiente de isolamento doméstico. Em determinado momento da obra, o narrador descreve que:

Alfredo ver dona Amélia mais longe, mais distante de si, como se o chalé fosse repartido por compartimentos fechados como uma casa de estranhos. Seu pai era aquele homem que, manso ou impulsivo, vivia entre os catálogos, sem dar, não porque fosse austero, a intimidade que o filho sonhava. Alfredo via-se solitário, irremediavelmente solitário. Cada vez mais desconhecendo o que se passava em torno de sua solidão (Jurandir, 2019, p. 118-119).

A percepção do personagem evidencia uma Amazônia distante das imagens excêntricas frequentemente produzidas sobre a região. O espaço amazônico, para Alfredo, surge atravessado por silêncio, solidão e imobilidade, aspectos que interferem diretamente na maneira como ele percebe a si mesmo e o território em que vive. O personagem apenas habita fisicamente Cachoeira, mas emocionalmente está distante de se sentir parte do lugar. Na poética dalcidiana, a paisagem e os interiores domésticos operam como uma extensão emocional do herói, convertendo os rios, os campos e as chuvas em vivências que atravessam e moldam sua interioridade. Essa simbiose estética faz com que a tristeza e o desejo de partida assumam participação ativa na constituição subjetiva, destituindo a geografia de uma função puramente regionalista ou ornamental.

Em *Belém do Grão-Pará*, essa articulação entre a espacialidade e a identidade adquire contornos ainda mais complexos, sendo tensionada pelas contradições estruturais da capital. Ao ingressar no ambiente urbano, Alfredo tenta mimetizar os códigos locais para aplacar sua condição de retirante e forçar um pertencimento que lhe evite a rejeição. Ao chegar a Belém, Alfredo busca se aproximar daquele novo lugar, pois:

Em meio de seu desalentado assombro, o menino teimou agora em parecer o menos matuto possível, para achar tudo aquilo muito natural. Compreender a cidade, aceitá-la, era a sua necessidade. Ser amado por ela, saboreá-la com vagar e cuidado, como saboreava um piquiá, daqueles piquiás descascados, cozidos pela mãe, receando sempre os espinhos (Jurandir, 1960, p. 18).

A comparação com “piquiá” revela o cuidado doloroso do herói, ciente de que o usufruto da cidade esconde “espinhos” capazes de feri-lo. Esse pressentimento se confirma logo em seguida, quando o deslumbramento inicial fracassa diante de uma Belém sombria, cuja dimensão espacial projeta um peso opressor sobre sua consciência e desestabiliza suas certezas, evidenciando uma espacialidade que interfere diretamente em sua individualidade:

Afastou-se do Necrotério sob o mesmo balanço da viagem, se enfiou por um beco, agora na cidade velha. ao pé do barranco onde podia ver este e aquele resto da velha fortaleza. E como o rio e a doca desaparecessem, Belém se fazia mais escura apesar do sol ou por isto mesmo aquelas casardes e aqueles silêncios o deixavam de coração escuro, o andar confuso. E voltar dali, sabia? Sobre o beco, as torres da Sé, gordas, da cor do tempo. “Catedral”, disse o menino, muito compenetrado. E como tão silenciosas aquelas igrejas lhe falavam! E seu silêncio e sombra deslizavam pelos sobrados fieis, o beco e as mastreações. Os sinos ignoravam o morto no necrotério (Jurandir, 1960, p. 18).

A caminhada com o “andar confuso” e o “coração escuro” pelas ruelas da Cidade Velha projeta, por meio da geografia ficcional, o conflito identitário de Alfredo, que vaga por um cenário cindido entre a modernização impositiva e os resquícios de uma ancestralidade marginalizada. Belém apresenta-se como um território híbrido no qual casarões, becos e sobrados silenciosos guardam as heranças e assimetrias da região, asseverando o que discute Jakson Silva da Silva (2022, p. 106) ao apontar que “a urbanização modernizadora, entretanto, não apagou seus traços indígenas e negros em lugares de vida e economia popular, tradição e pertencimento”.

No romance de Dalcídio, essa coexistência contraditória não pacifica a subjetividade do protagonista; pelo contrário, aprisiona-o em uma zona de fronteira cultural, onde a capital não rompe em absoluto com o universo ribeirinho de Cachoeira, mas também inviabiliza sua integração plena à modernidade urbana. Essa permanente tensão entre o imaginário herdado das experiências marajoaras e as transformações geradas pelo processo de urbanização demonstra como Alfredo personifica a dinâmica cultural da própria região. Dalcídio Jurandir constrói a Amazônia como um espaço essencialmente plural e heterogêneo, rechaçando visões totalizantes ao cindir o ciclo romanesco em múltiplas experiências geográficas e sociais.

O trânsito incessante de Alfredo entre os campos de Cachoeira e as ruas periféricas de Belém impede qualquer pertencimento absoluto, transformando a itinerância no próprio traço constitutivo de seu ser. Essa engrenagem literária ilustra com precisão as pesquisas de João de Jesus Paes Loureiro (1995), que compreende que a cultura amazônica se constrói exatamente nesse movimento de permanências e transformações, situando o homem da região entre as

forças da mudança e a herança de suas memórias tradicionais. Alfredo carrega as marcas do Marajó para o interior da urbe, vivenciando na pele a fricção contínua desse processo histórico.

Percebe-se, portanto, que Dalcídio Jurandir constrói a trajetória de Alfredo a partir de uma profunda relação entre território amazônico e formação identitária. A Amazônia dalcidiana ultrapassa a condição de cenário regional para assumir função ativa na constituição subjetiva do personagem. As espacialidades amazônicas atravessam continuamente suas percepções, memórias e formas de pertencimento, revelando individualidades construídas no contato constante com rios, cidades, periferias e experiências culturais diversas. Dessa forma, a trajetória de Alfredo evidencia diretamente as relações entre Amazônia, espacialidade e identidade cultural presentes no universo literário de Dalcídio Jurandir.

Considerações finais

O desenvolvimento da pesquisa possibilitou analisar como os deslocamentos entre Cachoeira e Belém atravessam a constituição identitária do personagem Alfredo nas obras de Dalcídio Jurandir. A articulação teórica reuniu discussões voltadas às espacialidades amazônicas, às mobilidades culturais e às crises de pertencimento presentes no ciclo romanesco do autor, compreendendo o deslocamento não apenas como mudança geográfica, mas como experiência subjetiva e cultural. A partir dessa leitura, foi possível levantar interpretações que demonstram como o trânsito espacial se reflete diretamente na subjetividade do protagonista.

A análise revelou que Jurandir constrói a Amazônia como espaço múltiplo, atravessado por tensões sociais, culturais e históricas. Nesse cenário, o trânsito entre Cachoeira e Belém produz em Alfredo experiências contínuas de desenraizamento, instabilidade identitária e dificuldade de pertencimento. O personagem se desloca entre diferentes espacialidades amazônicas sem conseguir se integrar plenamente nem ao ambiente ribeirinho marajoara nem à urbanidade da capital paraense, evidenciando o impacto psicológico e social dessas migrações literárias.

A investigação focada nas obras *Chove nos Campos de Cachoeira e Belém do Grão-Pará* permitiu identificar como o autor articula o território, a memória e a subjetividade dentro das narrativas. Esse movimento amparou-se nas noções de deslocamento, territorialidade e mobilidades transculturais, trazendo contribuições importantes de autores como João de Jesus Paes Loureiro (1995), Elena Palmero González (2010) e Zilá Bernd (2010). Desse modo, foi

possível apontar como essas discussões aparecem diretamente na trajetória de Alfredo, sobretudo através das experiências de errância e fragmentação identitária.

A partir da compreensão de que os deslocamentos provocam no protagonista uma condição marcada pela ruptura dos vínculos, a pesquisa demonstrou que Alfredo vivencia continuamente um estado intermediário. Ele passa a ocupar um entre-lugar cultural no qual sua identidade permanece fragmentada entre tradição e modernidade, interior e capital, memória e deslocamento. Observou-se, assim, através de uma abordagem qualitativa e comparativa, que as experiências vividas pelo personagem ultrapassam o aspecto físico e atingem diretamente sua percepção de si mesmo e das dimensões espaciais que ocupa.

Embora o recorte tenha se concentrado em duas obras do Ciclo do Extremo Norte e a escassez de estudos recentes sobre as tensões específicas de Alfredo tenha delimitado o aprofundamento de algumas discussões, este trabalho busca contribuir para a fortuna crítica de Dalcídio Jurandir e para os estudos das espacialidades amazônicas. Abre-se, com isso, espaço para que futuras pesquisas ampliem a análise para outras narrativas do ciclo romanesco dalcidiano, aprofundando os estudos sobre deslocamento, memória e pertencimento dentro das múltiplas Amazônia construídas pela literatura de expressão amazônica.

Referências

- ARAÚJO, Demétrius Souza; MENDONÇA, Simone Cristina. Desterritorialização e reterritorialização no ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir: caminhos entre Cachoeira e Belém. In: RIBEIRO, Nilsa Brito *et al.* *Linguagens e dinâmicas territoriais nas amazonias*. Rio Branco: Nepan, 2022. p. 72-97. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Laila-Mayara-Drebes/publication/372401727_Linguagens_e_dinamicas_territoriais_nas_amazonias/links/64b452d5b9ed6874a52488b8/Linguagens-e-dinamicas-territoriais-nas-amazonias.pdf#page=72 Acesso em: 1 maio 2026.
- BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- CORRÊA, Agnis Mirian da Silva. *De costas para o rio? As reformas urbanas de saneamento ambiental e a disputa pelo direito à cidade em Belém*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2025.
- CUNHA, Jean Batista da. *Auto do Carão: estudo sobre as identidades culturais dos povos amazônidas através das cirandas do Amazonas*. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2023.

FURTADO, Marli Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Deslocamentos culturais: identidades e espacialidades. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 109-127.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. São Paulo: Livraria Martins, 1960.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Belém: CEJUP, 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. v. 3. São Paulo: Cultrix, 2001.

MOURA, Pracidina Chaves. *A desterritorialização dos moradores do povoado Canela e a sua reterritorialização no espaço urbano de Palmas-TO*. 2023. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2023.

NORONHA, Silvio Leonardo Alves; PIMENTEL, Flavio Reginaldo. A transculturação narrativa presente em Três casas e um rio de Dalcídio Jurandir: representações transculturais do personagem Alfredo. *Revista Falas Breves*, Breves, v. 10, n. 13, p. 149-166, maio 2024. Disponível em: <https://www.falasbreves.ufpa.br/index.php/revista-falas-breves/article/view/326> Acesso em: 1 maio 2026.

NUNES, Benedito. Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco. *Asas da Palavra*, Belém, v. 8, n. 17, p. 11-22, jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.unama.br/asasdapalavra/article/download/1893/1054> Acesso em: 1 maio 2026.

NUNES, Benedito. Os inocentes da passagem. *Matraga*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 159-164, jan./dez. 2003. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/matraga/matraga15/matraga15a15.pdf> Acesso em: 1 maio 2026.

NUNES, Paulo Jorge Martins. *Útero de areia, um estudo do romance 'Belém do Grão-Pará', de Dalcídio Jurandir*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: dalcidiojurandir.com.br/pdf/estudos-academicos/utero-de-areia-um-estudo-do-romance-belem-do-grao-para-dalcidio-jurandir.pdf Acesso em: 1 maio 2026.

SANTOS, Jackson Sousa dos; FERREIRA, Débora Frazão; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva. Travessias como geopoética: interpretação fenomenológica das espacialidades de Alfredo nas obras dalcidianas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 16., 2025, Macapá. *Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-xvi-encontro-nacional-de-pos-graduacao-e-pesquisa-em-geografia. Acesso em: 02 maio 2026.

SILVA, Jakson Silva da. Lugar de vida popular e bem viver em Belém (PA): pertencimento, tradição e identidade. *Humanitas*, Belém, v. 2, n. 1/2, p. 95-116, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rhumanitas/article/view/14509> Acesso em: 1 maio 2026.

VELOSO, Ivone dos Santos; MOREIRA, Alex Santos. Belém do Grão-Pará: Signos da ruína e da decadência no Romance de Dalcídio Jurandir. *Caleidoscópio*, Maceió, v. 7, n. 1, p. 24-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3799/2960> Acesso em: 1 maio 2026.

Recebido: 11/05/2026

Aprovado: 19/07/2026

Publicado: 29/07/2026